

A Construção do Surfe como Esporte Moderno

Thiago Silva de Souza

Docente do Instituto Superior de Educação Física (Udelar-Uruguay)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF-UFPEL)

thiago.isef@gmail.com

Luiz Carlos Rigo

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

(PPGEF-UFPEL)

rigo Luiz Carlos@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa apresenta diferentes configurações históricas do surfe – sua prática enquanto passatempo hedonista até seu processo de profissionalização mais recente. O objetivo desse estudo foi o de narrar o processo de construção, (as memórias) das técnicas corporais que ajudaram a esportivizar o surfe brasileiro, tornando-o mais performático. A metodologia utilizada foi a História Oral. Conclui-se que na memória dos surfistas brasileiros que se profissionalizavam ao longo da década de 90 as características de ondas do litoral sul brasileiro (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) contribuíram na construção de um estilo mais agressivo junto à parte superior da onda. A entrada no Circuito Mundial possibilitou outras leituras, as quais exigiram uma nova atitude no estilo, no qual pode ser evidenciada uma heterogeneidade perpassada pela dança polinésia com a onda, mas com forte influência da “conquista ao lip” oriundo de uma filosofia ocidental. As memórias evidenciam também maneiras de como os surfistas faziam de seus corpos um instrumento para empenhar algumas manobras e produzir efeitos na onda. Além disso, os jatos d’água jogados no ataque ao lip constituíam uma extensão da performatividade corporal nas manobras. Algumas estratégias ligadas ao modo como os surfistas aprendiam suas manobras também foram evidenciadas.

Palavras-chaves: Surfe profissional; Técnicas Corporais; Memória.

1. Introdução

Após a sua “redescoberta” na virada do século, a arte havaiana do surfe difundiu-se por todo o Pacífico. Na eclosão da Segunda Guerra Mundial, o surfe era uma atividade de lazer reconhecida [...], particularmente no sul da Califórnia, Austrália, Nova Zelândia e Peru, bem como na África do Sul (Booth, 1995, p, 189).

A epígrafe mostra um novo cenário após as “proibições” impostas ao surfe no Havaí, pelos missionários calvinistas no final do século XIX (Booth, 1995). Um resultado desse novo momento do surfe é a superpopulação de surfistas não apenas no Havaí, mas em diferentes “picos”¹, inclusive, da América do Sul. Esse aumento da prática do surfe produziu novos fenômenos como é o caso, por exemplo, do “localismo”, termo utilizado para descrever relações de violência entre surfistas (Gomez, 2009; Bandeira, 2014; Lindsay y Deborah, 2015). Segundo Booth, o localismo pode ser entendido como: “uma resposta social ao excesso de surfistas no mar” (Booth, 2015, p. 3).

A Califórnia foi um dos polos dessa proliferação, inclusive do surfe como um passatempo hedonista aceitável². Diferente do que ocorria, por exemplo, na Austrália, onde a *Surf Life Saving Association of Australia* (associação que regia os banhos públicos) só aceitou pranchas como equipamentos de remo depois que alguns de seus membros provaram sua utilidade em operações de resgate (Booth, 1995)³.

No Brasil o hedonismo californiano manifestou-se na década de 1960, principalmente no Rio de Janeiro, apropriado como uma distinção dos costumes por “uma juventude atraída pela extravagância do comportamento e o exotismo da aparência dos surfistas, que adotavam um estilo de vida marcado pelo descompromisso” (Dias, Fortes e Melo, 2012, p. 125).

Um pouco mais tarde, nas décadas de 1970 e 1980, também no Rio de Janeiro, o surfe foi adotado por uma juventude que primava por saúde e por uma vida em contato direto com a natureza. Assim o surfe passou a representar um contraponto à lógica do

¹ Albuquerque (2006, p. 10) destaca a conotação socioespacial e simbólica que este termo possui para os surfistas “pois representa não apenas o lócus onde as ondas quebram, mas todo o ambiente físico e social que é adequado e usado pelos surfistas: o território terra-mar” (p. 10). Ver outros significados em: Alves Junior (2011); Bandeira (2014).

² As formas difusão e comercialização do hedonismo estiveram ligadas, por exemplo, a mobilidade social na Califórnia (permitiu maior circulação interna dos surfistas); os baixos custos das passagens aéreas durante a década de 1940 (facilitou aos californianos retornarem ao Havaí); a prosperidade econômica da década de 1950, combinada com a liberdade das responsabilidades da idade adulta produzida em um sistema educacional passando por transformações liberais; Hollywood e filmes de surfe “puros” (estes últimos produzidos por devotos), revistas especializadas em surfe (Booth, 1995).

³ Os australianos nas primeiras viagens ao Havaí se espantaram com a exposição que os havaianos faziam de seus corpos, insultaram o banho público como uma afronta à decência. Em 1907, na Austrália, formaram a *Surf Life Saving Association of Australia* (SLSAA) em meio a um debate sobre a representação e apresentação dos corpos de banho (Booth, 1991; 1995).

trabalho e ao estilo de vida urbano: “trata-se de uma alternativa” (Melo; Fortes, 2009, p. 292). Em âmbito internacional essa perspectiva “alternativa” estava ligada ao movimento que ficou conhecido como “surfe de alma” (Booth, 2015, p. 5). Movimento que “trazia uma crítica da vida cotidiana [...] por meio da adoção de posturas antiautoritárias [e] hábitos iconoclastas (na música, roupas, linguagem e estilo de vida)” (Harvey *apud* Booth, 2015, p. 5).

Ademais, no Brasil, “dentro de um quadro geral de difusão de estilos de vida ‘contraculturais’ dos anos 60, veio também o hábito de fumar maconha” (Velho *apud* Alves; Melo, 2017). Entretanto, Alves e Melo (2017) não situam os surfistas cariocas da década de 1970 como pertencentes à contracultura, pois, segundo esses autores o objetivo deles não era cair fora do sistema e sim negociar com o sistema. Isto, através das publicidades com as quais comercializavam o estilo de vida ligado a hábitos da contracultura.

Algumas publicidades ligadas a hábitos contraculturais geraram efeitos constrangedores aos surfistas que tentavam se profissionalizar na década de 1990: “a gente tinha dois adversário, um deles era o cara que entrava na bateria com você pra competir e o outro era a opinião pública sobre a tua profissão”⁴. Diante do público, não estava em jogo se o surfista ia bem ou mal: “isso nem se discutia. Era o fato de ser surfista, isso para alguns era sentido de pejoração”⁵. Havia constrangimento, inclusive, em preenchimentos de cadastros comerciais: “a pessoa perguntou duas vezes: – a tua profissão?”⁶. Tratava-se de uma descrença comum a época de que alguém poderia unir disciplina, prazer e remuneração o que, por sua vez, ecoava como um ruído aos ouvidos daqueles que escutavam a reposta orgulhosa: “surfista profissional”⁷.

Fortes (2012) evidencia como a revista *Fluir*⁸ ajudou na organização e profissionalização do surfe brasileiro. Por um lado, “silenciou sobre questões espinhosas como drogas e localismo” (p. 183). Mas, visibilizou as competições: “nos

⁴ Padaratz (2016). Apresentaremos o processo de produção dessas fontes orais na sessão “considerações teórico-metodológicas”.

⁵ Padaratz (2016)

⁶ Silva (2018) Apresentaremos o processo de produção dessas fontes orais na sessão “considerações teórico-metodológicas”.

⁷ Silva (2018)

⁸ Essa revista “entrou em circulação no segundo semestre de 1983” definindo-se como “uma revista de esportes radicais”, dirigida às modalidades do skate, voo livre, bicicross e surfe. As três primeiras foram esquecidas, “em função de interesses comerciais: o surfe era o carro-chefe no que diz respeito tanto ao interesse dos leitores quanto as empresas interessadas em anunciar. Sendo assim, a partir do segundo semestre de 1984, dedicou-se exclusivamente a ele” [...] (Fortes, 2012, p. 177).

primeiros anos, boa parte das notícias sobre campeonatos no país era elaborada com base em textos e tabelas de resultados enviados pelos próprios organizadores e ou associações” [...]; “até 1986 as principais competições isoladas realizadas no país tinham um grande espaço [...]. De 1987 em diante o destaque são para as etapas do circuito brasileiro profissional, o ranking organizado a partir dele e, claro, a existência de um campeão brasileiro oficial” (2012, p. 182). Simultaneamente a presença de um “campeão” produzia-se ao surfe uma visibilidade desatada do consumo *stricto sensu*: “a publicidade ou a sua comercialização de modo mais geral encerra também possibilidades para a formação de identidades” (Dias, 2010, p. 86).

O cinema brasileiro foi outro importante canal de mudança à imagem do surfista. De 1991 até 2006 “meios de Comunicação ligados ao surfe e/ou ao público jovem” tiveram participação no “patrocínio, apoio e promoção dos filmes” (Fortes e Melo, 2013, p. 205). Tratou-se de transformações referente aos homens já que as mulheres tiveram “escassa participação nas cenas e sequências diretamente ligadas ao surfe”⁹ (Fortes e Melo, 2013, p. 205). Essa homogeneização masculina do surfe no Brasil, nem sempre era seguida em âmbito internacional. Um exemplo disso é o caso, da norte-americana Lisa Andersen, vencedora de “quatro títulos mundiais consecutivos entre 1994 e 1997.” (Dias, 2010, p. 80). A pouca visibilidade da mulher surfista nos filmes brasileiros também pode estar ligada ao fato de que algumas surfistas mulheres negavam fazer uso de “seus atributos de beleza como ferramenta de mercado, isto é, para obtenção de patrocínios ou publicidade” (Dias, 2010, p. 80).

De modo geral, a identidade profissional atrelada às produções midiáticas contribuiu para que atualmente o surfe seja “reconhecido mundialmente [...] a gente tem mais visibilidade na TV. Hoje as pessoas sabem que o surfe é uma profissão”¹⁰. Em boa medida essa visibilidade televisiva deve-se a emergência da “tempestade brasileira”¹¹, principalmente após os títulos mundiais de Gabriel Medina em 2014 e de Adriano de Souza em 2015¹².

⁹ Algumas exceções aparecem nos filmes Surf Adventure e Indo.doc, os quais respectivamente apresentam cenas com as surfistas Andréa Lopes e Maya Gabeira (Fortes e Melo, 2013).

¹⁰ Silva (2018)

¹¹ Tradução de “*brazilian storm*” expressão com que os surfistas brasileiros da geração de Gabriel Medina foram denominados pela imprensa americana após suas performances no Circuito Mundial de surfe. Ver mais em (Gulin; André, 2015).

¹² Sobre a trajetória biográfica de esses surfistas consultar, respectivamente, Brandão (2015) e Vieira (2017).

A comercialização do surfe a canais de televisão foi um dos principais anseios dos havaianos *Kamaaina haole*¹³, que desde a década de 1960 defendiam a profissionalização do surfe, e até contrapondo-se a movimentos como os surfistas de alma¹⁴. Fred Hemmings, por exemplo, argumentou: “uma vez que o público leigo, através da magia da televisão, veja uma série competitiva, será fácil para eles perceberem que o surfe é um S-P-O-R-T saudável e limpo” (*apud* Booth, 1995, p. 197).

As competições ajudam a legitimar o surfe no campo midiático. Mas, “muitos devotos acreditam que códigos estritos de conduta, exagero e brilhantismo fabricados e a burocracia do profissionalismo são a antítese dos ideais hedonistas do surfe” (Booth, 1995, p. 206). Entretanto, o discurso de Ricardo dos Santos, que pertence à era dos surfistas brasileiros pós-Medina, apesar de defender o surfe competitivo “porta: uma concepção de surfista engajado, preocupado com a natureza e o meio ambiente; um conceito de surfe em que persiste o componente lúdico-brincante” (Souza; Hecktheuer, Rigo, 2019, no prelo).

1.1 Sobre a construção do problema de pesquisa

O problema dessa pesquisa emergiu a partir da audiência a uma entrevista¹⁵ em que Ricardo dos Santos relatava outra ambiguidade em seu processo de profissionalização no surfe: ao mesmo tempo em que a produção de mídias em ondas grandes tornava-se central no seu trabalho como *freesurf*, ele buscava não se isolar das etapas da divisão de acesso ao Circuito Mundial almejando não defasar suas técnicas de manobrar em ondas de pequeno e médio porte. Essa problematização das técnicas tornou-se extensiva a essa pesquisa e foram confrontadas com os problemas colocados no campo da historiografia do surfe, como, por exemplo, a exclusão das experiências dos surfistas nas análises aos corpos esportivos, os quais têm sido pensados eminentemente como construções sociais (Booth, 2015).

¹³ Pessoa branca nascida ou tendo residido por um longo período no Havai.

¹⁴ Importante frisar a repulsividade dirigida aos ‘surfistas de alma’ no Havai. Lá eles não eram quistos nem pelos *Kamaaina haole* e nem pelos indígenas havaianos: “ambos os grupos os viam como outra ameaça ao paraíso” (Booth, 1995, p. 197).

¹⁵ Durante a etapa brasileira do Circuito Mundial em 2014, disputada na Barra da Tijuca – RJ, Ricardinho participou como comentarista do programa Cravando a borda. Nesta ocasião, ele mostra um posicionamento profissional consolidado como *freesurfer* cuja função é criar conteúdo para mídias publicitárias do seu patrocinador, sem necessariamente “mostrar resultados em campeonatos”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P7RL4oux3JA>. Acesso 30/07/2019.

Frente a isso, buscamos uma aproximação a alguns surfistas brasileiros que ingressaram no Circuito Mundial ao longo da década de 90 a fim de pensar junto a eles como ocorreu a gênese das técnicas de manobrar¹⁶. Nosso estudo dialoga, mas se diferencia, de outros já realizados sobre a o desempenho de surfistas brasileiro. Como é o caso de Peirão (2011), que através de vídeo-análise, analisou os scores atribuídos pelos juízes aos surfistas em baterias de duas etapas do Circuito Mundial. E, Souza, Rocha e Nascimento (2012), que, também mediante vídeo-análise, correlacionam o tempo do *botton turn* de atletas do Círculo Mundial com as respectivas notas atribuídas pelos árbitros de surfe.

Essa abertura as técnicas corporais dos surfistas nos aproximou de Marcel Mauss (2017, p. 427-428) quando considera que: “antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo”. E essas técnicas são sentidas “como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química” e “transmitidas muito provavelmente por sua transmissão oral”. Desse modo, um dos objetivos centrais desse estudo foi o de narrar o processo de construção, (as memórias) das técnicas corporais que ajudaram a esportivizar o surfe brasileiro, tornando-o mais performático.

2. Considerações teórico-metodológicas

A metodologia utilizada na pesquisa foi a História Oral, (Bom Meihy e Holanda, 2015, Montenegro, 2010). A rede de “narradores” (Benjamin , 1994)¹⁷ para a pesquisa foi constituída por quatro surfistas profissionais. As “fontes orais” com eles produzidas foram documentadas “por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro” (Bom Meihy e Holanda, 2015, p. 14). A formação da rede iniciou em conversas via *Facebook* com o “*brother*”¹⁸ de um amigo: “conheço alguns surfistas aqui na ilha, Fabio Gouveia, Flávio ‘Teco’ Padaratz, Binho Nunes, Cristiano ‘Guima’

¹⁶ Além disso, estamos pensando nas implicações dessas técnicas de manobrar no trabalho dos Técnicos de Surfe, um tema surgido nas próprias narrativas de alguns surfistas e que se mostrou importante na configuração técnica do surfe.

¹⁷ Para Benjamin (1994, p. 201) “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

¹⁸ Termo utilizado pelo amigo de um dos pesquisadores quando em conversa sobre o projeto de pesquisa se referia a um antigo vizinho, Marcello dos Santos (o “Meduza”). Em 2002, Meduza foi morar em Florianópolis – SC onde além de surfar se dedicou a produzir documentos audiovisuais e imagéticos para surfistas profissionais.

Guimarães, o Rodrigo ‘Pedra’ Dornelles em Torres – RS. Estes são expoentes do surfe mais da antiga”¹⁹.

A partir daquela conversa, foi possível estabelecer contato com Padaratz (2016)²⁰; Guimarães (2016)²¹ e Dornelles (2016)²². Ao longo da pesquisa, os próprios questionamentos teóricos em torno dos desafios do surfe feminino, potencializou a articulação de Jacqueline Silva (2018)²³, surfista indicada por Padaratz (2016). Frente as narrativas dessa/es surfista/s tem-se em conta que “registros orais” assim como os escritos, “serão sempre representações acerca da realidade, e jamais a apreensão do acontecido em si” (Montenegro, 1996, p. 208). Trata-se de um exercício de compreensão visando desnaturalizar “a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra” (Montenegro, 2010, p. 31). De todo modo, o fundamental “é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga [...], ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço” (Deleuze, 2010, p. 155).

3. Mutações das técnicas-corporais do surfe profissional

De posse das narrativas dos surfistas, identificávamos que uma série de técnicas corporais foi, pouco a pouco, sendo incorporadas com a entrada no Circuito Mundial. E, são aqui pensadas com Mauss (2017) para o qual as técnicas pressupõem transmissão, de geração em geração, de uma tradição. Os atos tradicionais são “montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa” (Mauss, 2003, p. 428). Mauss (2017, p. 425) fala também da “imitação prestigiosa”, isto é, “a criança, como o adulto, imita atos bem sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que tem autoridade sobre ela”, dessa forma, assimilam “a série dos movimentos de que é composto o ato executado”. O corpo em suas dimensões físico-biológicas longe de ser “natural” é constituído, moldado, socialmente. Segundo Daolio (2010, p. 5) toda obra de Mauss é constituída por uma “dimensão simbólica implícita e basilar” que

¹⁹ Dos Santos, 2016.

²⁰ Entrevista realizada no dia 26 de fevereiro de 2016 em seu apartamento no Sul da ilha de Florianópolis – SC.

²¹ Entrevista realizada no dia 28 de fevereiro de 2016 em sua casa no Sul da ilha de Florianópolis – SC.

²² Entrevista realizada no dia 12 de março de 2016 em seu carro fazendo o trajeto de Torres – RS as praias de Garopaba – SC.

²³ Entrevista realizada no dia 28 de abril de 2018 em sua casa no leste da ilha de Florianópolis – SC.

amplia as concepções de corpo e possibilita “diferenciá-lo por meio de seu uso específico e regional”²⁴.

Nas narrativas dos surfistas, as diferenças regionais surgiram atreladas as manobras, como a “batida”, também chamada de *Re-entry*. Peirão (2011, p. 59), define essa manobra como: “uma curva no topo da onda onde o surfista reentra na face da onda após o contato com o topo ou a espuma quebrando”. E, complementa, “[...] Deve ser precedida de uma cavada bem acentuada, as quilhas devem sair da água e são vistas nas curvas abaixo e acima” (Peirão, 2011, p. 59).

Rodrigo Dornelles (2016) fala da confiança técnica que sentia em realizá-la pelo fato de estar habituado a surfar “nesses quebra coco, nessas ondas difíceis do Rio Grande do Sul”²⁵. Essa dificuldade pode estar associada à predominância, naquele estado brasileiro, de praias planas com contornos paralelos, menos indicadas para o surfe, uma vez que o ângulo de deslocamento da onda²⁶ é curto. As ondas simplesmente se ‘fecham’ quando seu *lip* quebra de uma só vez, ao invés de descascar (Scarfe et al., 2003).

Outras manobras ligadas a usos específicos do corpo em sintonia com as características de onda foram o “*Cut Back*”²⁷. Definida como: “uma curva em direção à parte quebrada da onda pela base, mudando de direção horizontalmente no mínimo 130°. [...] Antes de fazer a curva, seguir até o ombro da onda [...] retornar em 180° até a parte mais crítica da onda, na figura de um oito” (Peirão, 2011). E, a “*rasgada*”²⁸: “uma curva na face da onda com uma inclinação pronunciada, sendo executada com grande velocidade e com um dos bordos da prancha submerso” (Peirão, 2011, p. 59).

Padaratz (2016) atribui que a sua eficiência nessas manobras, quando as executava de *front side* – quando a parte ventral do corpo do surfista esta voltada para a onda – relacionando-as a singularidade da praia que ele se radicou: “a onda de Balneário

²⁴ As especificidades corporais e regionais são discutidas a partir da “eficácia simbólica”. Ainda que o simbólico não esteja explícito no texto de Mauss, o argumento de Daolio (2009) perpassa a ideia de que “só é possível discutir as especificidades de uso do corpo a partir da consideração de que ele expressa determinados valores de um grupo” (Daolio, 2010, p. 5).

²⁵ Dornelles (2016).

²⁶ Além do ângulo de deslocamento, outros parâmetros utilizados nas análises de Scarfe et al. (2003) são: Altura de onda; Intensidade de quebra de onda e Comprimento de seção de onda.

²⁷ Padaratz (2016).

²⁸ Padaratz (2016).

Camboriú tem uma esquadra predominante, muito boa, favorecia esse tipo de manobra” já que o *lip* da onda constituía-se como uma “alavanca para o pé de trás”²⁹.

A surfista catarinense Jaqueline Silva (2018) também demonstra atenção à interdependência da regionalidade das técnicas de manobrar e a configuração das ondas quando fala da transição da categoria amadora para a profissional e o encontro com as “ondas perfeitas: longas assim de várias manobras”³⁰. Nestas, a principal dificuldade foi “saber o *time*, onde manobrar?”³¹. Ela comentou que requeria um cuidado psicológico ao corpo como, por exemplo, “controlar a euforia”³² para assim “aprender a ler a onda”³³, já que diferenciava-se do surfe nas ondas de Santa Catarina, Brasil. Nesse, “tu tem que ser rápido na leitura”³⁴.

Jaqueline Silva (2016), também comentou sobre o caso da praia de *Snapper Rocks*, Austrália, que demandava outra leitura de parte do surfista: “tu não podes *dropar* e sair correndo. A onda espera pra tu manobrares, até tu conseguires ter uma leitura dessa onda é difícil, é prática”³⁵. Trata-se de uma prática que estende os saberes compartilhados por Bandeira e Rubio (2011, p. 106) quando destacam os “significados da relação do surfista com o mar nas sensações corporais experimentadas nas técnicas do remar, sentar, dar o joelhinho e dropar a onda”. No caso da surfista profissional, os significados técnicos perpassam, inclusive, a geografia da onda, ativadora de uma sensibilidade em que a onda-corpo se funde a um só tempo-espço.

Essa atenção em fazer uma leitura sincronizada com a onda, não era uma preocupação exclusiva das surfistas mulheres, como mostra a narrativa de Padaratz (2016): “eu ficava com pressa e virava na metade. Já dava uma pancada no *lip* e fazia outra manobra. Era um afobado!”³⁶. O estilo de Fábio Gouveia, companheiro de equipe de Padaratz (2016) foi crucial para superar as questões psicológicas e aprender a técnica da cavada: “curva inclinada na base da onda, usada para gerar velocidade para a próxima manobra” (Peirão, 2011, p.59).

²⁹ Padaratz (2016).

³⁰ Silva (2018).

³¹ Silva (2018).

³² Silva (2018).

³³ Silva (2018).

³⁴ Silva (2018).

³⁵ Silva (2018).

³⁶ Padaratz (2016).

³⁷ A atenção às técnicas de aperfeiçoamento daquela curva e de outras manobras será discutida na sessão posterior onde se é possível diagnosticar a transmissão oral do Técnico de surfe colocando questões aos modos como os surfistas executavam suas manobras.

Padaratz (2016), conta que aprendeu muito com seu colega: “eu aprendi muito com ele. Eu vi que você tem que descer na base, você tem que dar um tempo para esperar a onda levantar [...], não adianta você querer adiantar esse processo”. Assim, quando o tema eram manobras de surfe, por exibir técnicas tão aprimoradas, Gouveia foi destaque não só entre os surfistas de sua geração, mas também entre as principais mídias especializadas em surfe do Brasil³⁸.

Silva (2018) também narra essa apropriação de técnicas e de conhecimento que incorporou de outros surfistas: “meu surfe foi sempre de linha, estilo Teco; estilo Fabinho; estilo Neco”. E também de Evandro dos Santos e André Barcellos, seus conterrâneos na Barra da Lagoa/SC: “a linha de surfar deles pô! Eles tinham um pouco mais idade do que eu e já corriam campeonatos na categoria *Open*, Junior; e já tinham um surfe bem bonito assim, de variação de manobras, de força”. Silva (2018) contou que: “tentava colocar em prática assim o que eu tinha visto”.

Dornelles (2016) segue a mesma perspectiva de Silva e apresenta outros modos de incorporação de manobras: “pô, aprendia muito vendo os outros surfarem, vídeos de surfe que mostrava o pessoal, os gringos né, o que eles já estavam fazendo lá fora”, ao mesmo tempo em que “também olhava muito esse pessoal mais experiente, os surfistas profissionais da época, quem me influenciou bastante também foi o Fábio Gouveia, o Teco Padaratz. Na época o Fábio Gouveia foi campeão mundial amador, eu acho que foi em 88”³⁹.

Esse surfe de linha não é “muito agressivo de dar aéreo, ficar rodando”⁴⁰, consiste, basicamente, em um vaivém as extremidades inferior e superior da onda: “eu consegui me dedicar bastante a essa linha de *base-lip*”⁴¹. Ou seja, uma linha “não tão arrojada, mas, de harmonia com a onda”⁴², mas que reverbera nas formas das manobras, como, por exemplo, o *Cut Back* realizado como “transição”⁴³ entre manobras: “com

³⁸ Para cumprir o formato de texto solicitado nesse evento retiramos as fotos extraídas da edição número 85 da revista *Fluir* (1983/2016). Na revista, as fotos são introduzidas com uma breve apresentação de Fábio Gouveia: “o melhor surfista do Brasil comenta algumas manobras modernas do seu repertório básico, com dicas para um surfe mais preciso e radical” (*Fluir*, 1992, p. 53).

³⁹ Dornelles (2016)

⁴⁰ Silva (2018).

⁴¹ Silva (2018).

⁴² Dornelles (2016).

⁴³ Scarfe et al (2003) classifica as manobras em três categorias. As “funcionais” responsáveis pela manutenção do surfista na região onde quebra a onda. As “expressivas” realizadas para atender à necessidade do surfista realizar um feito difícil. E as de “transição”, curvas na parte superior e inferior da onda consideradas como movimentos de transição usados para unir manobras funcionais com manobras

uma linha redonda tanto para as rasgadas quanto para as batidas”⁴⁴. Trata-se de uma linha de surfe que transmite a “graça estética e a postura do primeiro período do surfe moderno” (Booth, 1995, p.194), surgida na década de 60 no Havaí. Naquela época, influenciados pela filosofia polinésia, os “surfistas havaianos dançavam *com* as ondas, fluindo em ritmo suave com sua direção natural” (Booth, 1995, p. 194).

As narrativas dos surfistas brasileiros demonstram uma heterogeneidade quanto à construção do estilo de surfar, principalmente, com a entrada dos/das atletas no Circuito Mundial: “meu surfe ficou bem marcado nessa minha passagem pelo circuito, por ter o que eles chamavam de um *back hand* forte assim né. De atacar; de atacar nas partes mais críticas!”⁴⁵. Aqui, observa-se certa influência do estilo *Hot dog*, “precursor de uma abordagem agressiva de atacar a onda” (Booth, 1995, p. 193). Um surfe influenciado pelos californianos e australianos constituído por “manobras criativas, como *Cut backs* e *Nose tiding*, enquanto tentavam preservar a postura” (Booth, 1995, p. 193). No entanto, a atenção às posições corporais como o *back hand* (ou *back side*) – com a parte dorsal do corpo do surfista voltada para a onda – diferencia os surfistas brasileiros da maior parte dos surfistas estrangeiros, para os quais às “pranchas de surfe” eram um problema na produção do estilo.

Na problematização iniciada em meados da década de 60, as pranchas eram tidas pelos surfistas australianos como o instrumento instaurador de uma “nova era” ao surfe: “passamos para uma atitude dinâmica completamente nova em relação ao surfe. Lançamos o sentimento na modelagem da prancha e isso é expresso em nosso surfe” (Nat Young *apud* Booth, 1995, p. 194). Já os californianos preferiram tomar as novas manobras como “criatividade descontraída”. Um surfe em que os surfistas eram concebidos como “artistas de alta performance” (Booth, 1995). De todo modo, o estilo *Hot Dog* transformou os modos de surfar, as pranchas mais curtas possibilitava dançar “nas ondas, ‘conquistando’, ‘atacando’ e reduzindo-as a etapas a avançar” (Booth, 1995, p. 194). Tudo isso em sintonia a uma filosofia ocidental que primava por uma “uma abordagem bruta, competitiva e objetiva da vida” (Booth, 1995, p. 194).

expressivas. O autor alerta que nenhuma manobra pode ser enquadrada em uma categoria fixa porque depende do momento de sua execução.

⁴⁴ Dornelles (2016).

⁴⁵ Silva (2018).

Diferentemente das narrativas australianas que enfatizavam a modelagem das pranchas, as narrações brasileiras aumentavam os sentidos, a sensibilidade ao corpo. Como, por exemplo, durante a execução da manobra *Lay Back*, a qual é explicada através de um esquadrinhamento corporal do/pelo surfista: “tu da meio que uma deitada de costas na junção ⁴⁶ [...] flexionando a perna da frente e esticando a de trás e dando uma agachada assim ó” ⁴⁷. Essas técnicas devolviam a ideia de uma fusão corpo-onda, em que a plasticidade técnica do surfista gerava um efeito que: “Impressionava! Porque jogava bastante água” ⁴⁸.

O *Lay back* também pode ser pensado como uma manobra funcional, como, por exemplo, nos Tubos, “quando o surfista desliza na parede coberto pela cortina de água resultante da rebentação, ficando dentro da onda que é cavada e tubular, para depois reaparecer saindo do tubo” (Peirão, 2011, p. 60). Fábio Gouveia, em suas dicas na revista *Fluir*, anuncia a posição de “deitar com as costas na onda” como uma estratégia corporal frente aos “tubos mais exprimidos” (*Fluir*, 1992, p. 59). Cabe ressaltar que os Tubos, com grandes ou exprimidas curvaturas, foram um “desafio para qualquer brasileiro” ⁴⁹ estreante nas ondas perfeitas das praias sedes do Circuito Mundial na década de 90: “porque não é todo dia que tem uma onda tubular, aqui na frente de casa” ⁵⁰.

Esse jogo corporal com as curvaturas das ondas, também pôde ser identificado nas ondas não tubulares, durante os próprios ataques ao *lip*. Como, por exemplo, a busca por uma maior angulação na “rasgada no *lip*, bem aberta, com os braço bem abertos”⁵¹, demonstrando que para a eficácia da manobra não era preciso somente um jogo de força com os membros inferiores, mas também um cuidado estético com os superiores. Além disso, um cuidado no movimento do tronco também pode ser evidenciado na busca, por exemplo, da “verticalidade do *back side*, no estilo né.”

A construção de uma linha vertical de surfar, imposta pela ênfase dirigida ao ataque ao *lip* da onda, colocava um desafio para os surfistas que surfavam de costa para a onda. Para Padaratz (2016) esse desafio foi superado a partir de um diagnóstico do

⁴⁶ Parte crítica do *lip* da onda constituída por duas sessões antagônicas que se chocam e fecham juntas.

⁴⁷ Guimarães (2016).

⁴⁸ Guimarães (2016).

⁴⁹ Padaratz (2016).

⁵⁰ Padaratz (2016).

⁵¹ Silva (2016).

Técnico⁵². O surfista lembra que ele lhe passou orientações como: “você tem que surfar direita cara, você tá fraco de *back side*, você tem que aprender a dar a batida”⁵³. Os movimentos de tronco surgiam em dicas estratégicas como: “você tem que fazer o giro para poder caracterizar a manobra como completa”⁵⁴.

De modo geral, outro desafio para os surfistas frente à construção de um estilo mais agressivo de atacar o *lip* foi o controle da velocidade. Em algumas ocasiões, o excesso de velocidade tornava imprevisível qual manobra seria executada no momento do ataque: “às vezes se torna um *Cut Back* e você acaba voltando para a espuma e as vezes só a rasgada, assim o *snap*”⁵⁵ ⁵⁶.

Considerações finais

Este trabalho que teve como objetivo narrar o processo de construção, (as memórias) das técnicas corporais que ajudaram a esportivizar o surfe brasileiro, evidencia o quanto “a memória adquire diferentes características históricas e sociais nos diversos períodos como também nas várias culturas” (Montenegro, 1996, p. 210). Na memória dos surfistas brasileiros que se profissionalizavam no final da década de 80 e início de 90 as características de ondas do litoral sul brasileiro (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) contribuíram na construção de um estilo mais agressivo junto à parte superior da onda. A entrada no Circuito Mundial possibilitou outras leituras, as quais exigiram uma nova atitude no estilo, no qual pode ser evidenciada uma heterogeneidade perpassada pela dança polinésia *com* a onda, mas com forte influência da “conquista ao *lip*” ocidental.

No campo da Educação Física, o diálogo com os trabalhos dedicados ao estudo das manobras de surfe possibilitou pensar de outros modos à relação técnica-instrumentos. As memórias dos surfistas evidenciaram também maneiras de como eles faziam de seus corpos um instrumento para empenhar algumas manobras e produzir efeitos na onda. Além disso, os jatos d’água jogados no ataque ao *lip* constituíam uma extensão da performatividade corporal nas manobras. Algumas estratégias ligadas ao

⁵² Trataremos o tema Técnico de surfe na sessão em outro trabalho.

⁵³ Padaratz (2016).

⁵⁴ Padaratz (2016).

⁵⁵ São as mudanças súbitas de direção realizadas através de curvas acintosas geradoras dos jatos d’água.

⁵⁶ Padaratz (2016).

modo como os surfistas aprendiam suas manobras também foram evidenciadas, entre elas, a observação a outros surfistas mais experientes e a audiência a filmes estrangeiros. A emergência do Técnico de surfe também pode ser diagnosticada, mas será tratada em outro trabalho.

De forma geral, esse trabalho pode ser uma contribuição para pensar o fenômeno mundial que se tornou o surfe brasileiro com a nova geração apelidada “Tempestade brasileira”. De maneira insipiente, apontamos para uma mudança de ênfase em relação à performance do surfista, atualmente, mais visibilizada por técnicas do Treinamento Esportivo onde enfatiza-se o aprimoramento biofísico do atleta antes mesmo de entrar no mar.

Referencias

Albuquerque, C. (2006). Nas ondas do surfe: estilos de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.

Alves Junior, C. (2011). O pico dos surfistas e os surfistas do pico: Sociabilidade, territorialidade e surfe na Vila Dos Peixes (Monografia Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Alves, V. & Melo, V. (2017). Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 39(1), 2-9. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.005>.

Bandeira, M. & Rubio, K. (2011). Do outside: Corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(1), 97-110. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092011000100010&script=sci_abstract&tlng=pt.

Bandeira, M. (2014). Territorial disputes, identity conflicts and violence in surfing. *Motriz*, 20(1), 16-25. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742014000100016.

Benjamim, W. (1994) O narrador: consideração sobre a obra de Nikolai LesKov. En: Benjamim, W. *Magia e técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo; Brasiliense.

Booth, D. (1995). Ambiguities in Pleasure and Discipline: The Development of Competitive Surfing. *Journal of Sport History*, 22(3), 189-206.

Booth, D. (2015) História, Cultura e Surfe: explorando relações historiográficas. *Recordes*, 8(1), 1-24. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/2307>.

Booth, D. (1991). War off Water: The Australian Surf Life Saving Association and the Beach. *Sporting Traditions: Journal of the Australian Society for Sports History*, 7(2), 146-151.

Brandão, T. (2015). Gabriel Medina: a trajetória do primeiro campeão mundial de surfe do Brasil. Rio de Janeiro. Primeira Pessoa.

Deleuze, G. (2010). *Conversações (1972-1990)*. São Paulo. Ed.34.

Dias, C. (2010). Novos sonhos de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 32(2-4), 75-88. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892010000200006>.

Dias, C. Fortes, R. & Melo, V. (2012) Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *Revista Estudos Históricas*, 25(49), 112-128. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008>.

Fortes, R. & Melo, V. (2013). Novos formatos, antigos discursos: representações do surf no cinema brasileiro (1991-2006). *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 36(1), 187-208. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442013000100010>.

Fortes, R. (2012). Juventude em revista: surfe e Fluir. En: Buarque de Hollanda & Melo, V. (Eds). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras.

Gomes, M. A. et al. (2009). Identidade coletiva dos surfistas de Florianópolis e o fenômeno do localismo. *Revista de Psicologia*, (1), 85-102.

Gulin, N. & André, H. (2015). A Representação do Surf Brasileiro na Mídia Antes e Depois da Conquista do Campeonato Mundial 2014 pelo Surfista Gabriel Medina. *Actas del XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, (pp. 1-15). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Lindsay, E. & Deborah, K. (2015). Surfistas Locales: Transnationalism and the Construction of Surfer Identity in Nicaragua. *Journal of Sport and Social Issues*, 39(6), 455-479.

Mauss, M. (2017). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ubu Editora.

Melo, V. & Fortes, R. (2009). O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(3), 283-296.

Montenegro, A. (1997). *História Oral e Interdisciplinaridade: a invenção do olhar*. En Von Simson (Eds). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp.

Peirão, R. (2011). *Critérios utilizados para atribuição das notas em campeonatos internacionais de surfe profissional*. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Scarfe, B.; Elwany, M.; Mead, S.; Black, K. (2003). *The Science of Surfing Waves and Surfing Breaks – A Review*. *Actas del Proceedings of the 3rd International Surfing Reef Symposium*, (pp. 37-59). Recuperado de <https://escholarship.org/content/qt6h72j1fz/qt6h72j1fz.pdf>.

Souza, P. Rocha, M. Nascimento, J. (2012). *Correlação da técnica bottom turn com as notas atribuídas no surf de alto rendimento*. *Revista Brasileira de Cineantropometria Desempenho Humano*, 14(5), 554-561.

Vieira, M. (2017). *Como se tornar um campeão: a história de Adriano de Souza, o Mineirinho, da pobreza ao título mundial de surfe*. Rio de Janeiro: Intrínseca.